

Tracejar Vidas “Normais”

Estudo Qualitativo sobre a Integração dos Ciganos em Portugal

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no âmbito do projeto PEst-OE/SADG/UI0289/2011.

Olga Magano

TRACEJAR VIDAS “NORMAIS”

ESTUDO QUALITATIVO SOBRE A INTEGRAÇÃO
DOS CIGANOS EM PORTUGAL



LISBOA, 2014

© Olga Magano, 2014

Olga Magano

Tracejar Vidas “Normais”. Estudo Qualitativo sobre a Integração dos Ciganos em Portugal

Primeira edição: maio de 2014

Tiragem: 300 exemplares

ISBN: 978-989-8536-36-5

Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10

Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Nuno Fonseca

Revisão de texto: Manuel Coelho

Impressão e acabamentos: Europress, Lda.

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

Fax: (+351) 217 940 074

E-mail: editora.cies@iscte.pt

Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Nota de abertura	vii
Introdução.....	1
Parte I Cidadania, integração social e transformações identitárias nas sociedades contemporâneas	
1 Modernidade e cidadania	13
Transformações sociais da modernidade	13
Cidadania e desigualdades (o racismo)	19
Sociedade portuguesa e modernidade	24
O “quase Estado-providência” em Portugal	27
2 Indivíduo e sociedade	33
Socialização e experiência social	33
Integração como aprendizagem social	36
Processos e contextos de integração social	43
A <i>não integração</i> social	48
3 Sentimentos de pertença e pluralidade identitária	55
Processo de construção identitária — entre o individual e o social	55
Pertencas e transformações identitárias	59
Mestiçagem, pluralidade identitária e mobilidade	62
Parte II Não integração e integração de ciganos em Portugal: contextualização histórica, políticas sociais e mudança social	
4 Indivíduos de origem cigana em Portugal	73
História (de exclusão) dos ciganos	74
Discursos e práticas de integração	77
O estado da arte sobre integração de ciganos	85

5	Metamorfozes identitárias ciganas	93
	Ser cigano — conceito dinâmico	97
	Representações sociais como obstáculos à integração	100

Parte III | Trajetórias de vida, percursos sociais, reconfigurações identitárias e mobilidade social

6	Entre a teoria e a prática	105
	Fluidez dos conceitos: construção e desconstrução	105
	Narrativas de vida e a produção de sentido dos discursos	111
7	Biografias e percursos sociais	115
	Origens sociais e condições socioeconômicas	115
	Acesso e sucesso educativo	122
	Trabalho: estar sempre à prova	127
	Interação social — escolha de redes sociais	131
	Conjugalidade: via para mudar de vida?	139
8	Tracejar vidas “normais”	153
	Configuração da autoimagem de si como cigano	153
	Representações sobre ciganos: distanciamento e aproximações	167
	Pluralidade identitária: sou cigano e sou “normal” (integrado)	181
	O “destino” de ser cigano: a força do estigma	189
9	Considerações finais	195
	Referências bibliográficas	203

Nota de abertura

Agradeço ao Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI) e à Editora Mundos Sociais o apoio e a possibilidade de concretizar esta publicação. O texto que se apresenta tem por base a tese de doutoramento em Sociologia defendida na Universidade Aberta, em 2011. Para a realização dessa investigação recebi vários apoios individuais e institucionais pelos quais expresseo o meu maior agradecimento. À Universidade Aberta e ao Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI) agradeço todo o enquadramento institucional dado, que me permitiu assegurar as condições logísticas e financeiras necessárias para a realização do trabalho como docente e investigadora. Agradeço também aos colegas e amigos que me ajudaram a perspetivar o objeto de estudo durante o período da pesquisa, dos quais saliento, por ordem alfabética, Alexandra Castro, Daniel Seabra Lopes, Fernando Antón Alonso, Jean-Pierre Liégeois, Lurdes Nicolau, Manuel Carlos Silva, Manuela Mendes, Maria José Casa-Nova, Miguel Vale de Almeida, Santiago Gonzalez Avión, Sara Sama Aceda, Sylvie Fainzang e Teresa San Román.

Igualmente agradeço a partilha de teses, relatórios e outros textos inéditos em formato digital, em especial a Alexandra Castro, Ana Margarida Magalhães, Daniel Seabra Lopes, Fátima Alves, João Filipe Marques, Lurdes Nicolau, Manuela Mendes, Maria José Casa-Nova, Ruy Blanes e Tânia Leão. Pelo empréstimo e/ou envio de bibliografia estou igualmente grata a Ruy Blanes, Carlos Jorge Sousa, Edite Rosário, Tiago Santos, Rosa Correia e Fernanda Reis, Francisco Monteiro, Maria José Vicente, Sérgio Aires, Maria José Lino, Maria José Guerra, Glória Morais, Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural (ACIDI), Imprensa de Ciências Sociais (ICS), Númena, Secretariado Diocesano de Lisboa da Obra Nacional para a Pastoral dos Ciganos, Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos e Rede Europeia Anti-Pobreza.

À Fundación Secretariado General Gitano agradeço o acolhimento e a disponibilização da biblioteca para pesquisa. De igual modo, agradeço à FNASAT — Gens du Voyage — Fédération Nationale des Associations Solidaires d'Action avec les Gens du Voyage, sobretudo a Evelyne Pommerat.

Agradeço também à minha orientadora, Luísa Ferreira da Silva, e a Fátima Alves, coorientadora na etapa final, pelo apoio e leituras construtivas.

Ao Zé, agradeço a presença constante na minha vida, a paciência e apoio, sempre incondicional, para com o meu trabalho. Aos meus filhos Sara e Pedro, minhas fontes de inspiração, agradeço o carinho e a paciência.

Aos entrevistados, cujas histórias de vida e narrativas são a substância deste texto, o meu profundo agradecimento e a eles dedico o poema de Sophia.

Esta Gente

Esta gente cujo rosto
Às vezes luminoso
E outras vezes tosco

Ora me lembra escravos
Ora me lembra reis

Faz renascer meu gosto
De luta e de combate
Contra o abutre e a cobra
O porco e o milhafre

Pois a gente que tem
O rosto desenhado
Por paciência e fome
É a gente em quem
Um país ocupado
Escreve o seu nome

E em frente desta gente
Ignorada e pisada
Como a pedra do chão
E mais do que a pedra
Humilhada e calcada

Meu canto se renova
E recomeço a busca
De um país liberto
De uma vida limpa
E de um tempo justo

Sophia de Mello Breyner Andresen

Introdução

Um estudo realizado nos finais da década de 1990 alertou-nos para a existência de ciganos integrados, tendo despertado interesse pelo que esta constatação incorporava de dissonância em relação à maior parte do conhecimento produzido sobre os ciganos até à data em Portugal.¹ O interesse por esta perspetiva foi sendo consolidado pois, para além de alguns casos conhecidos pessoalmente (sobretudo de pessoas ciganas ligadas ao movimento associativo e à mediação sociocultural) são divulgados pela imprensa casos como os *Gypsy Kings* (Câmara, 2003), com a referência de *ciganos de sucesso*, chamando precisamente a atenção para diferentes modos de vida de pessoas de origem cigana. Neste trabalho tratamos da análise de percursos e dos significados da integração de ciganos em Portugal orientados pelo pressuposto de que eles não são todos excluídos socialmente.²

Desde essas pistas iniciais, que apontavam posicionamentos diversificados no eixo conceptual inclusão-exclusão e não em polos bipolares nem estanques, surgiu a curiosidade e a motivação para aprofundar o conhecimento sobre os ciganos do ponto de vista da integração, com o objetivo de compreender como é que as experiências e os percursos individuais e familiares influem nessas trajetórias sociais diferentes das (consideradas) tradicionais ciganas.

O percurso teórico e metodológico traduziu-se num permanente vaivém entre a teoria sociológica e a prática. A análise da problemática da integração social demonstrou-se indissociável da problemática da identidade social. Na prática, as duas problemáticas misturam-se e revelam-se nos discursos e percursos de vida dos indivíduos e nos seus modos de vida. Desta forma, integração e identidade social constituem os dois principais pilares teóricos de análise em que se estrutura esta investigação, defendendo-se que o modo como os indivíduos se incorporam

1 Dissertação de mestrado em Relações Interculturais: Olga Magano, *Entre Ciganos Portugueses. Estudo sobre a Integração Social de Uma Comunidade Cigana Residente na Cidade do Porto*, Porto, Universidade Aberta, 1999.

2 Esta publicação resulta da tese de doutoramento em Sociologia, *Tracejar Vidas Normais. Estudo Qualitativo sobre a Integração Social de Indivíduos de Origem Cigana na Sociedade Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 2011.

na sociedade depende diretamente de formas de identificação individual e social feita pela aprendizagem social desde a infância, mas também por todas as aprendizagens secundárias que se fazem ao longo da vida, tratando-se de um processo cumulativo de interiorização de novas aprendizagens (Berger e Luckmann, 1999).

Com este trabalho pretendemos contribuir para desvendar outras faces da diversidade de situações de integração social bem como de sentimentos identitários. Em termos de formulação teórica é nossa intenção deixar cair a perspectiva da exclusão, de certo modo tradicional nos estudos sobre esta temática, porque tem sido acompanhada por uma conceção essencialista e homogênea que esconde a diversidade deste fenómeno social.

O objetivo de investigação é aprofundar o conhecimento sobre os percursos de vida de indivíduos de origem cigana integrados. Que fatores são importantes nesse processo? Quais os quadros de experiência social que favorecem a integração? Com esta formulação queremos distanciamento do ponto de vista de exclusão e de algumas perspectivas essencialistas homogeneizantes sobre os indivíduos de origem cigana. Nesse sentido, sempre que possível, optámos, por designações que não revelem conceções essencialistas, partindo do pressuposto de que certas palavras marcam profundamente e estigmatizam, como defende Wieviorka (2002) e com cuja perspectiva nos identificamos, como é o caso, por exemplo, das expressões *ciganos*, *etnia*, *grupo étnico*.

A realidade social revela diversidade e diferenciação social entre indivíduos de origem cigana, que sistematicamente tem sido ofuscada pelos pontos de vista mais ou menos lineares e estereotipados com que tem sido analisada. Com o intuito de perceber essas diferenciações fomos conhecer percursos de integração, nomeadamente no que se refere à forma como é vivida a experiência de integração social pelos próprios indivíduos e pelas suas famílias e também como se integram novos elementos culturais e sociais na reconfiguração da identidade cigana.

No caso português, a democracia acelerou o ritmo dos processos de integração com o direito de igualdade, a liberdade e a conquista de mais direitos de cidadania, através da implementação de políticas sociais mais universais. A perspectiva formal sobre os indivíduos ciganos vai-se alterando e passam a ser considerados cidadãos com plenos direitos que a sociedade tem a responsabilidade de integrar. Situação que se comprova pelo aumento de realojamentos realizados um pouco por todo o país, pelo acesso crescente à escolaridade e aos serviços de saúde e, mais recentemente, desde finais da década de 1990, à possibilidade de aceder ao benefício de um rendimento mínimo para garantir o básico da subsistência.

Em geral, as sociedades têm demonstrado dificuldades em integrar indivíduos de origem cigana. No caso português, eles aparecem frequentemente associados à imagem de itinerantes, característica que lhes é atribuída como gosto individual ou de grupo e, quando de facto se verifica alguma forma de itinerância, ela não é entendida como uma imposição por força de condições estruturais e de discriminação social. A maior parte dos indivíduos de origem cigana portugueses encontra-se sedentarizada e os que ainda têm alguma mobilidade geográfica fazem-no por não serem reconhecidos como cidadãos pelas entidades oficiais responsáveis pelos territórios em que se deslocam (Castro, 2007).

Desde os anos 90, a maior parte dos indivíduos de origem cigana tem vindo a ser realojada, o que manifesta, por um lado, interesse estatal em criar condições habitacionais condignas e salubres e, por outro lado, da parte dos ciganos, indicia a disponibilidade e interesse na ligação e participação na sociedade em que vivem, com abertura para aceitação de regras sociais (e legais) de convivência. Hoje sabe-se que a vivência em contextos sociais diversificados faz aumentar a rede de relações sociais de onde pode advir não só a partilha do espaço, mas também a diversificação da interação social, contribuindo a convivência entre indivíduos de origem cigana e não cigana para desmistificar imagens negativas e derrubar este-reótipos existentes (Castro, 1995; Magano, 1999) e para o conhecimento de diferentes modos de vida.

Para este estudo presumimos que a residência num local não segregado conjugada com o impacto de algumas políticas sociais contribuiu para aumentar a frequência escolar. A escolarização pode constituir uma oportunidade de socialização primária diversificada, pela possibilidade de contacto com crianças ciganas e não ciganas e modos de vida diferenciados, abrindo vias variadas para a promoção de mudanças de mentalidade e de formas de estar. A socialização formal pela escola estimula a aprendizagem dos direitos de cidadania e das competências sociais que ajudam a interpretar os símbolos e códigos sociais, alargando o conhecimento sobre os outros que nos rodeiam. Nesse sentido, a escolarização ainda é entendida como uma das principais vias para a mobilidade social ascendente e para a melhoria do estatuto socioeconómico dos indivíduos e das famílias. Com esta hipótese teórica interessa perceber a perspetiva dos próprios indivíduos ciganos que definimos como integrados e que são o objeto de estudo desta investigação (usando como suporte o critério da atividade ocupacional no mercado de trabalho por conta de outrem). O objeto de estudo deste trabalho define-se, assim, em torno dos percursos de integração social de indivíduos de origem social cigana e da formação, configuração e reconfiguração identitária.

A análise desenvolve-se essencialmente a partir da sociologia do indivíduo e da experiência social, da integração e do interacionismo, paradigma em que o indivíduo é entendido como agente, dotado de autonomia, capaz de fazer opções de vida, de traçar projetos de vida individuais, ainda que condicionado culturalmente pelo grupo de pertença, como é o caso das origens ciganas. A noção de *quadros de experiência*, em que o indivíduo vive os seus processos de socialização e onde é possível a sobreposição dos vários tipos de quadros, desde os primários aos secundários e terciários, com as suas regras e os fatores que ficam dentro e fora de cada um deles (Goffman, 1991 [1974]), por um lado, e a noção de *experiência social*, revista por Dubeat (1996), com a defesa de que os indivíduos têm contactos cada vez mais precoces com variados contextos e que essas experiências permitem desenvolver práticas diversificadas de vida, por outro lado, foram fundamentais para a conceptualização de que os indivíduos não constituem simples recetores mas também são atores e sujeitos capazes de interiorizar de diferentes formas os conteúdos de aprendizagem social.

Admite-se, então, a possibilidade de opção por projetos de vida individuais (Velho, 1999), distintos dos familiares, traduzindo processos de socialização e

diferenciação de experiências sociais com distanciamento em relação ao grupo de pertença e que, talvez por isso, se afastem de algumas características culturais imputadas ao grupo social de origem, sobretudo no que se refere a certos valores defendidos pela tradição. Esta perspectiva remete para a coexistência de identidades que se configuram como plurais e múltiplas nas sociedades modernas contemporâneas. Os indivíduos de origem cigana integrados podem ser considerados, como defende Lahire (2003), *trânsfugas culturais*, na medida em que realizam tentativas de desvinculação de uma vida marcada pela exclusão e marginalização social. Esta possibilidade de fuga cultural implica ter em conta os fatores presentes no processo de socialização que criaram aberturas, bem como se processa a interiorização da integração social na formação identitária de indivíduos de origem cigana.

Cientes da dualidade e fluidez subjacentes ao objeto de estudo, assente em indivíduos que se definem, ao mesmo tempo, como ciganos e integrados, isso leva-nos a desenvolver a conceção de *ciganos integrados*, em que articulamos o sentimento de pertença a um grupo social de origem com o desenvolvimento de uma pertença identitária específica combinada com sentimentos de pertença e partilha da identidade social da sociedade envolvente. Destas combinações identitárias surgem identidades miscigenadas, híbridas ou plurais, que traduzem a interiorização de traços de diversas origens identitárias, criadoras de uma certa identidade compósita que não coincide totalmente com nenhuma das identidades na origem do seu processo de socialização (Bastide, 1989).

No caso do estudo dos ciganos, parece existir um desfasamento entre as referências bibliográficas e os resultados de trabalhos empíricos (aspeto referido, por exemplo, por Lopes, 2008). Mesmo quando se observam alguns aspetos culturais que parecem específicos, a maior parte das vezes correspondem a traços culturais da sociedade portuguesa caídos em desuso mas que são usados pelas *comunidades ciganas* dando-lhes, por isso, um aspeto anacrónico, constatando-se, portanto, uma espécie de “desfasamento temporal” entre a modernidade da sociedade portuguesa e a tradição de algumas famílias de origem cigana. Em alguns trabalhos etnográficos, observa-se a “normalidade” do quotidiano, no sentido de aproximação e semelhança a aspetos do modo de vida da sociedade em geral, o que leva a questionar algumas referências bibliográficas e refletir sobre o processo de produção de conhecimento (às vezes reproduzido sem suporte de investigação empírica).

Por parte de alguns indivíduos ciganos houve transformações para se adaptarem às necessidades da coexistência na sociedade global em que os ciganos se incluem (por exemplo, incorporar hábitos da sociedade envolvente, a língua, o tipo de alimentação, o tipo de aspirações e expectativas, etc.), mas pode-se manter, em simultâneo, uma identificação com os valores da sua cultura de origem, ainda que apenas sentimental (Nunes, 1996). Uma das principais características das sociedades modernas é o aumento dos laços de interdependência, fazendo com que o indivíduo se situe num cruzamento cada vez maior de redes de inter-relação. As interdependências em que os indivíduos participam funcionam como constrangimentos exteriores, mas participam também na formação das estruturas interiores da sua personalidade. Ao longo da vida o indivíduo vai ter de se inserir em numerosas redes de relações que lhe preexistem (família, grupo social, nação,

etc.) (Corcuff, 2001). As novas formas de pensar e de estar originam novas afirmações identitárias que não se confundem com outras, o que remete para a possibilidade de simbiose e metamorfose entre traços culturais de culturas diferentes, sendo nesse interstício teórico-metodológico que se situa este trabalho, com o objetivo de compreender como se processa em indivíduos de origem cigana integrados, tendo em conta que a identidade se forma pelas relações sociais (diferenciação em relação aos outros) e pela cultura (categorizações do universo social, por exemplo).

A perspetivação de pluralidade de percursos, trajetos de vida e experiências diversificadas permite pressupor que a identidade social se produz pela história e na história dos indivíduos, mas eles também são, ao mesmo tempo, produtores da sua história. Há assim conciliação com o que se recebe do passado através da socialização familiar, mas, pela experiência de vida, com todas as socializações externas à família, cada indivíduo organiza e combina aspetos do passado e do quotidiano, podendo não alterar o sentimento de ser cigano que, em muitos casos está, apesar das diferenças, profundamente enraizado, havendo mesmo um sentimento profundo de ancoragem ao sentimento de ser cigano. Um dos desafios deste trabalho consiste em compreender como são aproveitadas oportunidades e se processam trajetórias sociais de mobilidade, quer esses percursos impliquem afastamento do grupo de pertença ou não. Nesse sentido, interessa conhecer o ponto de vista particular do indivíduo, ouvir os relatos da sua experiência, como vive/viveu emocionalmente esse processo.

Partindo de perspetivas plurais, com a recolha de experiências de vida de ciganos integrados, através da análise das suas narrativas, nas várias etapas de socialização, e dos seus trajetos sociais e como interiorizam valores e formas de estar, pretendemos identificar percursos, os contextos em que ocorrem, as instituições sociais envolvidas, os modelos sociais de referência e a importância das relações familiares e sociais que permitiram efetuar esses modos de vida que se diferenciam dos ditos tradicionais ciganos. A socialização de cada um, os contextos em que se move, as oportunidades de diversificar as relações sociais, quem foram os amigos, professores, vizinhos, ou outras pessoas significativas das suas vidas, e também a abertura das famílias para essas relações são contributos importantes para percebermos como se forma, por um lado, a identificação ao grupo de pertença e, por outro lado, a identificação positiva com um grupo social de referência que não coincide com o seu grupo de origem (Merton, 1968). Mas como se processa essa adesão? Como se misturam e reorganizam os valores conotados com ambos os grupos? Sabemos que as condutas sociais traduzem os códigos que foram interiorizados, mas também a circularidade de experiências e referências identitárias e a heterogeneidade dos espaços em que se produzem e se trocam informações, saberes e competências (Dubet, 1996; Costa, 2007). A opção por se querer integrar, por querer *ser normal* pode constituir uma estratégia, ainda que inconsciente, em relação a expectativas de mobilidade social e desejo de mudar de estatuto social. Para quem vive este processo, ele parece tornar-se mais fácil quando é adotada uma identificação mais forte com o grupo maioritário da sociedade envolvente do que em relação ao seu grupo minoritário de pertença.

Partimos da hipótese de que o *ser cigano* na sociedade atual pode ser complexo e múltiplo. Mas será que todas as configurações identitárias assumem a mesma valoração para os indivíduos ciganos? Como se conjugam concepções de vida integrada e tradição cigana?

Esta investigação situa-se na perspectiva do interacionismo e da etnometodologia, pressupondo-se que em torno da problemática da integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa, se devem ter em conta teorias que não perspetivam apenas o indivíduo como um ser passivo (não é um “idiota cultural”, como defende Garfinkel, referido por Campenhoudt, 2003), mas que, por força da socialização e da formação de *habitus*, pela interação com os outros indivíduos nos contextos sociais e partilha de universos sociais e simbólicos, vive experiências de vida diversificadas e observáveis, importantes para compreendermos os percursos e trajetórias de vida.

Apesar de sabermos da existência de diferentes grupos ciganos, o nosso olhar inicialmente estava centrado na perspectiva de que os indivíduos de origem cigana integrados, ou em percursos de integração social, teriam percursos de vida idênticos uns aos outros (perspetiva em certa medida essencialista e evolucionista) ou, hipoteticamente, estariam sujeitos de igual modo às mesmas oportunidades e aos mesmos constrangimentos de integração social, ou seja, tendencialmente todos teriam um trajeto de vida oriundo de situação de exclusão. No entanto, durante o trabalho empírico, fomos confrontados com a existência de indivíduos que se sentem integrados desde sempre e descendentes de famílias integradas. Esta descoberta implicou novas pesquisas teóricas, nomeadamente sobre as questões da mobilidade social, de projetos de vida e também de identificação com grupos de pertença e de referência, que fazem com que cada percurso de vida individual seja algo de único. Este alargamento de perspetiva levou-nos a recorrer a outras dimensões de análise ou aspetos sociais que interferem na configuração de projetos de vida, trajetórias e percursos sociais. Os ritmos de aprendizagem social e a interiorização de competências, para além dos fatores coletivos de socialização, relacionam-se também com as experiências individuais, em que uma interferência pode fazer com que se tenha um percurso diferente, o que remete para a noção de lógicas sociais heterogêneas (Costa, 2007).

A aprendizagem rápida e profunda de novas disposições e capacidades de ação não elimina outras, adquiridas anteriormente noutros contextos e situações (*id.*, *ibid.*). Trata-se de uma hipótese que se podia concretizar, ou não, de acordo com os fatores histórico-estruturais de enquadramento societal e, ao nível mais particular, fatores de trajetória de vida pessoal e de contexto relacional, confluentes na sucessão de episódios situacionais constitutivos do quotidiano (*ibid.*). No caso deste estudo, há que ter em conta que, para os que *sempre viveram integrados*, mesmo não tendo vivido uma trajetória de vida de exclusão-integração, coexistem também duplas referências culturais e sociais que, aparentemente, não colidem entre si.

Estruturámos o trabalho em três partes. A parte I, “Cidadania, integração social e transformações identitárias nas sociedades contemporâneas”, é constituída por três capítulos em que fazemos o enquadramento conceptual e teórico da problemática teórica da investigação. No capítulo 1, “Modernidade e cidadania”, fazemos uma caracterização e contextualização das sociedades modernas e das suas

consequências sobre os indivíduos, ou seja, contextualizamos o trabalho no que Giddens (1995) designa época societal. Partimos de uma abordagem geral sobre a sociedade moderna e as respetivas consequências para o indivíduo, que serve de fundo à discussão do desenvolvimento das questões de cidadania na sociedade portuguesa, com referência às principais transformações políticas, sociais e económicas e também às questões de desigualdade social, nomeadamente racismo, bem como às consequências da modernidade na sociedade portuguesa.

No capítulo 2, “Indivíduo e sociedade”, tratamos dos processos de integração, desenvolvendo uma análise sobre os processos de aprendizagem social em que nos centramos sobre a socialização como experiência social. Nesse sentido, enquanto aprendizagem é perspectivada a integração social, com a complexidade que constitui a delimitação do conceito. Também neste capítulo é apresentada a importância dos contextos de interação (espaços sociais e simbólicos) para a integração. Há ainda lugar ao questionamento das dificuldades modernas em integrar de igual forma todos os indivíduos, o que fazemos socorrendo-nos do conceito de não integração proposto por Soulet (2000). Nas sociedades modernas contemporâneas há mais probabilidades de haver processos de socialização diferenciados em que cada um pode interiorizar de forma diferente as normas e regras de integração social (é o espaço dos possíveis a que se refere Bourdieu, 2001). A integração nas sociedades modernas implica a participação dos cidadãos na vida coletiva, por via das instâncias de socialização (família, escola, trabalho, etc.) e em contextos múltiplos (Lahire, 2003). Esses processos significam diferentes possibilidades de adesão e participação na sociedade dominante (Schnapper, 2007), o que se faz através das dimensões económica (inserção nas atividades de produção e consumo), social (integração nos grupos primários e na sociedade global através de laços sociais institucionais) e simbólica (normas, valores e representações coletivas, definidoras dos lugares sociais) (Gaulejac e Léonetti, 1994).

No capítulo 3, “Sentimentos de pertença e pluralidade identitária”, perspectivamos a produção social de diferenciação identitária com a formação de sentimentos de alteridade. Aprofundamos a abordagem sobre o processo de formação de identidades, considerando as múltiplas experiências dos indivíduos e as lógicas heterogêneas de ação. Centrámos o nosso olhar nos processos de construção identitária de autonomização, por um lado, e de diferenciação, por outro lado. Como se refletem as oportunidades de circulação entre vários contextos sociais na formação de identidades compósitas, plurais ou mestiças? Equacionamos a formação identitária, cujo dinamismo permite adaptações a novas experiências de vida, propiciando a interiorização de novas regras e o desempenho de novos papéis sociais e identitários, subjacentes a estes processos. O indivíduo pode, ao longo da sua vida, ter necessidade de fazer aprendizagens de novos *habitus* resultantes da sua trajetória social ou da sua família. Interessa perceber se esse processo de integração foi desencadeado pelo próprio indivíduo (neste caso, o entrevistado) ou se já vem de trás, de gerações antecessoras. Assim, é importante conhecer as origens sociais e os percursos familiares para termos uma perceção sobre a temporalidade dos acontecimentos.

Na parte II, “Não integração e integração de ciganos em Portugal: contextualização histórica, políticas sociais e mudança social”, são tratados dois capítulos. No

capítulo 4, “Indivíduos de origem cigana em Portugal”, retomamos algumas das questões centrais discutidas nos capítulos anteriores fazendo um enquadramento da situação portuguesa em particular. Iniciamos com uma contextualização da história (de exclusão) dos ciganos, os discursos e as práticas de integração nacionais e europeias, o estado da arte sobre a integração de ciganos em Portugal. No capítulo 5, “Metamorfoses identitárias ciganas”, damos conta dos distanciamentos e aproximações identitárias com a discussão em torno da alteridade entre nós ciganos e nós não ciganos. A realidade social é múltipla, o que implica que devemos ter perspectivas abrangentes e não lineares sobre os indivíduos tema deste trabalho. Importa considerar as diferenciações culturais e as transformações ocorridas na identidade cigana. Ou seja, para além das visões essencialistas, existe todo um conjunto de situações sociais que nos remetem para aspetos de integração social. Então, interessa perceber como se forma e em que consiste o sentimento de identificação cigano, ou seja, como se autodefine o indivíduo cigano?

A parte III, “Trajetórias de vida, percursos sociais, reconfigurações identitárias e mobilidade social”, é constituída por três capítulos que estão estreitamente ligados entre si uma vez que dizem respeito à apresentação e discussão de resultados. No capítulo 6, “Entre a teoria e a prática”, fazemos uma breve abordagem sobre os contornos do objeto de estudo. Vamos traçando zonas de visibilidade, fazendo sobressair a perspectiva de que os indivíduos não são apenas simples portadores de estruturas, mas são também produtores ativos do social, portanto depositários de um saber importante quando se trata de perceber a partir do interior a produção de sentido para explicar a realidade social, saber esse expresso nas narrativas dos entrevistados.

No capítulo 7, “Biografias e percursos sociais” e no capítulo 8, “Tracejar vidas “normais”: estratégias de integração social”, apresentamos os principais resultados sobre os percursos sociais e as experiências de vida dos entrevistados, sustentados pelas narrativas recolhidas através de entrevistas semiestruturadas a 21 entrevistados/as de origem cigana em vários locais do país (10 mulheres e 11 homens). Para a realização das entrevistas tivemos em conta a perspectiva de pluralidade de socializações e de *habitus* onde decorre a pluralidade das experiências socializadoras (Costa, 2007), sendo feita uma caracterização dos/das entrevistados/as no que se refere à idade, escolaridade, atividade profissional e tipo de ascendência (cigana e não cigana) e tipos de uniões conjugais dos progenitores e dos próprios entrevistados. Alguns indivíduos ciganos referem ter sentido necessidade de se afastar do grupo, por vezes na sequência de casamentos com não ciganos. No entanto, mesmo nesses casos, permanece o sentimento de ser cigano, o que indica ser possível a combinação de traços culturais e até o desenvolvimento de certas formas de mestiçagem e hibridismo cultural. Perspetiva que implica olhar para o indivíduo de origem cigana como agente capaz de desenvolver projetos de vida autónomos e assumir identidades plurais, no sentido que lhes é dado por Lahire (2003). Os resultados apurados são sobretudo reveladores da pluralidade das experiências sociais, que se pode verificar nos três eixos a que recorreremos para os apresentar. O primeiro eixo, relativo aos percursos de vida, situa o percurso de cada um em relação aos contextos sociais e físicos, à ascendência social (ser ou não

descendente de famílias mistas), às condições socioeconómicas de origem, ao estatuto social das famílias, aos percursos escolares e de trabalho, às relações sociais e ao afastamento em relação a outros indivíduos de origem cigana. No eixo de integração, analisamos os discursos seguindo as principais dimensões de integração referenciadas pela bibliografia (económica, social e simbólica). E no eixo de ancoragem ao ser cigano, apresentamos resultados relativos ao sentimento de identificação com o ser cigano que se subdivide em duas partes: a perspetiva da reivindicação do ser cigano (o entenderem também serem ciganos) e, também, a perspetiva do destino ou da fatalidade de ter origem cigana — marca que se impõe nas suas experiências de vida, que são referenciadas pelos sentimentos de discriminação e atitudes racistas de que se sentem vítimas.

No capítulo 9, “Considerações finais: entre a marca de ser cigano e o desejo de ser cigano integrado”, fazemos um balanço das principais questões suscitadas pela realização do trabalho e avançamos com algumas conclusões no que se refere à diversidade de percursos de integração social e processos de construção identitária de indivíduos de origem cigana integrados socialmente na sociedade portuguesa.

